

## A VITÓRIA SOBRE A MORTE A MENSAGEM DO FILHO DO HOMEM NO APOCALIPSE DE JOÃO 1,18<sup>1</sup>

Antônio de Jesus Silveira Leite\*

### Resumo

O Livro do Apocalipse, no capítulo 1.9-18, contém a figura de um ser misterioso envolto numa simbologia judaica que João denomina “um como o Filho do Homem”. O significado de tal figura não encontrou consenso no meio acadêmico, no entanto, para os especialistas em Judaísmo do Segundo Templo, existem algumas pistas a serem seguidas com vistas a verificar o significado da simbologia contida nesta perícopa, bem como a aparição desta figura misteriosa. No verso 18 aparece a afirmação de que o FdH possui as chaves da morte e do Hades. Uma nova idéia parece estar vindo à tona da cultura de herança israelita: a vida após a morte. Mas de onde esta idéia poderia ter surgido, haja vista que somente em outras culturas havia tal crença? O presente trabalho pretende seguir algumas das pistas deixadas no texto, a fim de contribuir para o avanço da pesquisa sobre o Filho do Homem.

**Palavras-chave:** Cristianismo Primitivo, Filho do Homem, Apocalipse, Cristologia, Jesus.

### Abstract

The Revelation of John shows in 1.9-18 the figure of a mysterious being, described within a certain Jewish symbology, called by John "one like a Son of

---

<sup>1</sup> Texto apresentado o dia 8 de dezembro de 2005, no III Seminário Internacional Archai: Morte e Vida às Origens do Pensamento Ocidental, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ.

\* Antônio de Jesus Silveira Leite é Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília, Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo na área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico. É pesquisador CAPES, integrante do projeto *Oracula: Grupo de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã*, apoiado pela FAPESP na qualidade de Projeto Regular. Também integra o Grupo de Pesquisas em Arqueologia do Antigo Oriente Próximo e Culturas Populares Antigas da Universidade Metodista de São Paulo e o Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos, da Universidade de Brasília.

Man". Although the meaning of this figure is discussed among scholars, for experts in Judaism of the Second Temple Period, there are some hints that can be followed to verify the meaning of the simbology of this pericope, as well as of the apparition of this mysterious figure. Verse 18 contains the affirmation that the SM possesses the keys of death and Hades. A new idea seems to show up from the culture of Israelite inheritance: life after death. But where could such an idea have appeared from, since such a belief existed only in other cultures? The present essay intends to follow some of the tracks left in the text, in order to contribute with the advance of the research on the Son of Man.

**Keywords:** Early Christianity, Son of Man, Revelation, Christology, Jesus.

### **Aproximação ao tema**

O tema do Filho do Homem foi por muito tempo pesquisado tendo como objetivo a identificação desta expressão com um personagem da história de Israel. Várias posições foram tomadas e outras abandonadas, restando para a filologia um “porto seguro” para a análise e resultado finais. Um novo olhar está sendo direcionado para o tema objetivando não mais à identificação de um personagem histórico, senão o desenvolvimento de idéias e re-significação das mesmas através de grupos sociais que projetam suas esperanças num futuro vindouro, em contraste com seu atual estado.

Este trabalho tem como objetivo analisar o conteúdo da afirmação do autor de Apocalipse contida em 1.18 e suas implicações para o pensamento e desenvolvimento da idéia de vida pós-morte no cristianismo primitivo.

### **O texto: Apocalipse 1.9-20**

<sup>9</sup> Eu, João, vosso irmão companheiro na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

<sup>10</sup> estava em espírito no dia do senhor, e ouvi atrás de mim uma voz forte, como de trombeta,

<sup>11</sup> dizendo: o que vês, escreve-o num livro e envia-o as sete igrejas: a Éfeso, a Esmirna, a Pergamos, a Tiatira, a Sardes, a Filadélfia e a Laodicéia.

<sup>12</sup> voltei-me para ver a voz que falava comigo e, e ao voltar vi sete candelabros de ouro,

13 e, no meio dos candelabros um como o filho do homem, ele vestia uma longa túnica, um cinto de ouro cingia seu peito,

<sup>14</sup> sua cabeça e cabelos eram brancos, como a neve, e seus olhos eram como chama de fogo,

<sup>15</sup> seus pés pareciam de um bronze preciso, purificado no crisol

<sup>16</sup> em sua mão direita segurava sete estrelas, e de sua boca saía uma espada afiada com dois gumes. Seu rosto resplandecia, como o sol em todo seu resplendor.

<sup>17</sup> ao vê-lo, caí como morto aos seus pés, mas ele colocou sua mão sobre mim e disse: não temas! Eu sou o primeiro e o último

<sup>18</sup> o que vive, estive morto, eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do Hades

<sup>19</sup> escreve, pois, o que viste, o que é e o que deve acontecer depois

<sup>20</sup> quanto ao mistério das sete estrelas que viste em minha mão direita e aos sete candelabros de ouro, eis: as sete estrelas são os sete anjos das sete igrejas, e os sete candelabros são as sete igrejas.

### **Comentário e apresentação das idéias**

O texto se inicia pela apresentação de João com os seguintes dizeres: “vosso irmão, companheiro na tribulação/opressão e no reino, na expectativa em Jesus”. Dentro deste mesmo esquema ele desenvolve mais uma idéia: “estava na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus”. Assim, podemos dizer que logo no início do texto aparecem alguns indícios histórico-sociais que podem sugerir que nosso personagem: era conhecido; estava familiarizado com a situação de suas comunidades (companheiro na opressão); e através desta visão reclamava para si uma atenção especial no sentido do cumprimento das mensagens por ele recebidas. No verso 10 aparece uma expressão técnica, dizendo que João estava “em espírito”. O relato de viagens celestes era bem conhecido na literatura do AT e somente um grupo seleto de profetas recebia “honra” tal em realizar viagens aos céus.

Podemos agrupar os símbolos e imagens utilizadas por João a fim de verificar como o mesmo consegue captar a atenção de seus ouvintes através do trabalho da *memória autorizada* das comunidades, uma vez que toda a simbologia e imagética judaica era do conhecimento destas, posto que já haviam sido evangelizadas por Paulo, o apóstolo.

Logo, João ouve uma voz como de trombeta (v.10). Este simbolismo de trombeta encontra sua raiz no sentido de representar uma voz poderosa, com muita força e intensidade, pois quando trombetas eram tocadas, esperava-se o anúncio de alguma norma real ou juízo de Javé<sup>2</sup>. O texto segue apresentando a presença e a manifestação da luz divina em meio a seus leitores, quando descreve sete lâmpadas ou *menorah* douradas, remetendo-os a um ambiente templário<sup>3</sup> bem conhecido. Esta aparição possui um significado muito profundo para seus leitores, pois os coloca frente a um objeto que era santo ou separado para o serviço sacerdotal no tabernáculo. O termo *menorah* é uma palavra hebraica que se converte em termo técnico para designar as lâmpadas ou candeeiros que foram utilizados, primeiramente, no tabernáculo do deserto e, depois, no templo de Salomão. Estas sete lâmpadas são encontradas ao redor da figura celeste do “semelhante ao filho de homem”.

Neste ponto ocorre o momento de maior revelação no texto (v.13): a teofania de um ser divino que João descreve como “semelhante ao filho de Homem”. A misteriosa figura apresenta várias características muito marcantes na cultura dos hebreus: (a) sete menoráh dourados; (b) vestido até os pés; (c) cinto de ouro envolto em seus peitos; (d) cabeça e cabelos brancos como a neve; (e) olhos como chama de fogo; (f) pés como o bronze precioso; (g) voz como de muitas águas; (h) uma espada afiada saindo de sua boca; (i) face como o sol em sua força; (j) possuindo em sua mão direita sete estrelas. Quantos elementos divinos e angélicos agrupados numa só descrição! O autor recorreu à simbologia utilizada tanto nos templos judaicos como nas teofanias do AT e no NT, nas quais anjos ou o próprio Javé aparece como significado de juízo.

Assim, podemos dizer que a descrição do “semelhante ao filho de homem” possuidor de todas essas características é o veículo mediante o qual João expressou aos seus companheiros a certeza, a percepção e a experiência da soberania do Cristo Exaltado em meio às suas comunidades, no caso, as sete igrejas. No entanto, surge uma pergunta importante neste ponto: porque João queria enfatizar a exaltação do Cristo para as comunidades? Penso que seria

---

<sup>2</sup> Javé é a representação do Deus que fez aliança com os Israelitas, uma vez que para este cristianismo helenístico a forma de tratamento era Kyrios ou Senhor, a fim de reportar-se a seu Deus.

<sup>3</sup> O autor do Livro de Apocalipse consegue comunicar-se com seus leitores através do ambiente cáltico do Judaísmo do segundo Templo.

esta nossa pista, a fim de verificarmos se João está apresentando o Cristo exaltado, possuidor de todas as memórias religiosas e salvíficas da história de Israel como forma das comunidades permanecerem fiéis, diante de um quadro de perseguição, ideologias e políticas por parte do Império Romano.

### **Possível situação dos cristãos receptores do Apocalipse**

Existe um pano de fundo histórico e cultural (a literatura apocalíptica) que tem os mesmos temas que João, a mesma linguagem para uma mesma época e uma mesma problemática. No entanto, trata-se de uma obra de caráter independente, embora tenha linguagem comum às outras obras nas quais se inspirou, ou das quais tomou emprestados suas imagens e símbolos.

As descrições, imagens, símbolos e as metáforas provenientes do AT não devem ser entendidos como reportagens sobre visões, mas como elementos de composição literária. São as cores com as quais João pintou seus quadros apocalípticos. O autor era um bom conhecedor dos textos do AT e de outros textos apocalípticos paralelos e fez bom uso deles. Seu trabalho, porém, não se reduz a uma simples cópia desordenada e sem sentido. Sua obra é planejada e original, consistindo em fazer uma leitura cristã dos referidos textos. Por isso, a essência de seu livro não está no AT, mas na figura de Cristo e seu mistério pascal, no qual se centraliza a concretização de toda a escritura.

Os estudiosos concordam ao reconhecer que as obras do gênero apocalíptico foram escritas em tempos de crise. Estes escritos eram respostas à derrocada da segurança sobre a qual havia sido constituída a sociedade. Mediante sua escatologia singular, a apocalíptica aponta um universo alternativo com novos significados para antigas realidades, uma vez que interpreta a história sobre outro ângulo: ela é a revelação de uma dimensão não evidente do mundo onde se vive.

Podemos encontrar em muitos livros de história o relato de que no primeiro século d.C. houve uma grande perseguição de cristãos e que os mesmos eram lançados para os leões, a fim de que sua fé fosse provada. Existe para isso toda uma construção idílica e fantasiosa, a fim de que na religião do cristianismo as pessoas pudessem simpatizar com esta idéia e viver uma vida

mais piedosa. Contudo, será que realmente ocorreu uma perseguição religiosa pessoal e corpórea, levando a conseqüências sangrentas e bárbaras? Antes de respondermos a esta pergunta queremos deixar claro que nosso objetivo não é realizar um levantamento exaustivo, tampouco finalizar esta questão, mas estabelecer o limite, ainda que muitos tenham tentado estabelecer o que seja esta perseguição.

O cristão vivia numa sociedade que, com toda a certeza, não lhes era favorável por causa de sua conduta e fé, especialmente para aqueles que tinham tomado a decisão de levar o cristianismo a sério, com todas as suas conseqüências, inclusive as éticas, seu compromisso de fidelidade absoluta a Deus e ao seu Messias. O mínimo que se pode dizer, do ponto de vista histórico-social, é que João e uma parte do cristianismo não viviam em clima de paz absoluta e harmonia, seja no campo físico, seja no campo das idéias, com seus concidadãos greco-romanos. Embora a crise em questão pudesse ter sido menos real do que aparenta, seria o que Adela Yarbro Collins<sup>4</sup> chamou de uma “perceived crisis”.

Em parte alguma de seu livro João propõe ou sugere que os cristãos virem de costas para a sociedade, tampouco que se escondessem num mundo imaginário ou construíssem uma micrópole ou gueto dentro da sociedade, como ocorria no judaísmo. Tratava-se de determinar as diferenças de fé e de enfoques da vida, mas não de criar uma espécie de gueto cristão. Desta forma, a carta, livro do Apocalipse, para as igrejas da Ásia Menor constitui-se um manual para a “sobrevivência” em um mundo que está sendo construído dentro de um grande sincretismo religioso e no qual os cristãos poderão ser consumidos pelo mesmo.

A descrição do quadro histórico da pregação do evangelho pode nos iluminar a respeito de nosso método. Senão vejamos:

1. O evangelho é fruto de um salvador que nasce numa tradição israelita e comprometida coma Torá, ou seja, inicia-se um movimento religioso dentro de outro. Dessa forma, o cristianismo tornou-se, em

---

<sup>4</sup> COLLINS, Adella Yarbro. *Crisis and Catharsis: the Power of the Apocalypse*. Philadelphia: The Westminster Press, 1984.

primeiro lugar, um movimento intra-judaico para depois crescer independentemente.

2. Neste processo de crescimento o mundo simbólico do judaísmo é adotado pelos novos cristãos e aos poucos serão selecionados os mitos, valores e símbolos que estes utilizaram como definidores/delimitadores de sua fé.
3. Não bastasse este início de divisão, surgem dois grupos de cristãos<sup>5</sup>: os doze de Jerusalém (constituindo-se o cristianismo palestinese) e o grupo dos sete (o grupo de Estevão, que seria o transmissor do evangelho para o mundo helenístico, formando assim o cristianismo helênico), com muitas outras tradições e regras de comensalidades, haja vista os vários tipos de costumes e culturas.
4. Como Paulo, judeu, fariseu, cristão, mas com costumes e nacionalidade romana vai pregar para as comunidades da Ásia Menor, um novo tipo de pensamento está permeando esta comunidade, ou seja, sua fé será o alvo de várias inquietações e necessitará de um poder superior que a sustente, devido a tais oscilações de culturas e costumes.<sup>6</sup>
5. Completando o desenvolvimento da fé destas comunidades surge João apresentando (Ap 1.9) em seu livro, referenciais da memória de Israel (Ap 1.12-16), re-significação de imagens e símbolos e apresentação do Kyrios ressuscitado (Ap 1.17) e dono das chaves do Inferno e do Hades (Ap 1.18).
6. Cabe lembrar que após todos estes acontecimentos não podemos perder de vista que tais comunidades estavam vivendo em solo romano, rodeadas de um enorme sincretismo religioso e sendo

---

<sup>5</sup> Cabe lembrar que não existiu uma comunidade primitiva, como o livro de Atos dos Apóstolos quer mostrar com sua descrição de unidade. Antes, existiram vários cristianismos originários e várias comunidades cristãs. É interessante notar no Apocalipse de João que a cruz não é mais o símbolo decisivo, tampouco se fala deste ponto fundamental, ou a mesma é recordada com muita importância. Ao contrário, uma nova cristologia é apresentada no livro. Para muitos estudiosos o Apocalipse representa o desenvolvimento de uma cristologia muito antiga.

<sup>6</sup> Conforme pode ser encontrado no livro de Erich Fromm, segundo o pensamento de Mecanismos de Fuga.

vigiadas por seus vizinhos, amigos e parentes, a fim de que os mesmo prestassem o culto ao Imperador.

A apresentação de tal quadro histórico nos mostra que as comunidades necessitavam de uma fé bastante alicerçada, não mais superficial, tampouco artificial e que o desenvolvimento da mesma dependia da manutenção, por parte do grupo, dos compromissos assumidos com seu salvador, o qual em meio a todo este “vulcão emocional”<sup>7</sup> os ajudaria e os confortaria.

Desta maneira, João pode proporcionar às comunidades, através da descrição contida no capítulo 1, uma maneira para que elas clareassem suas crenças, seus símbolos, tradições e fortalecessem a doutrina da esperança e fé que possuíam. Assim sendo, as comunidades poderiam também se estruturar numa maneira mais flexível, diante do quadro social que viviam, diante da sociedade e da religião dos romanos, oferecendo a seus fiéis objetivos claros e bem definidos para que vivessem uma vida piedosa.

Como nosso objeto de investigação neste trabalho é 1.18, na afirmação do FdH, o qual tem em seu poder as chaves da Morte e do Hades, surge nossa pergunta: de onde teria vindo esta tradição das chaves e interpretações de vida após a morte? Poderíamos chegar a algumas hipóteses levando-se em consideração o conhecimento da história dos povos e culturas com que Israel, e posteriormente o que sobrou dele, os judeus, tiveram contato.

### **A morte no período do Primeiro Templo<sup>8</sup>**

A visão da morte nos escritos judaicos alcançou certos desenvolvimentos tanto no Judaísmo do Primeiro quanto do Segundo Templos. Tratando-se do destino dos mortos a Bíblia Hebraica (BH) não expressa um relato de recompensa paradisíaca ou castigo eterno para as pessoas, tampouco aparecem as figuras de céu e inferno. As exceções ficam por conta de alguns textos que afirmam que também o mundo dos mortos é alcançado e assistido por Deus (Jó 26.6;

---

<sup>7</sup> JUNG, Carl Gustav Jung. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Petrópolis: Vozes. 1983. Esta é uma expressão utilizada por Jung para explicar a forma pela qual o inconsciente coletivo se posiciona frente às opressões e desencontros sentidos pelos indivíduos na sociedade.

<sup>8</sup> As considerações sobre a existência após a morte no Judaísmo do Primeiro e do Segundo Templos, bem como entre os gregos, foram emprestadas de SEGAL, A. F. *Life after Death: A History of the Afterlife in the Religions of the West*. New York: Doubleday, 2004, cuja resenha foi apresentada ao Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã por Elizangela Soares, em 01 e 14 de junho de 2005 (texto ainda não publicado).

Sl 139.8; Am 9.12). No entanto, a BH mostra o Sheol como um mundo inferior, debaixo da terra, escuro, desordenado (Jó 10.20-21), uma terra de silêncio (Sl 94.17; 115.17), às vezes uma cidade com portões (Jó 38.17; Is 38.10) e também um lugar longe da presença de Deus. Em muitas passagens Javé é o Deus dos vivos e dos mortos, deste mundo e do outro, o que certamente aponta para a disputa bíblica contra os outros deuses, neste caso, contra a noção de que existe um outro deus que é o Senhor do Mundo Inferior, como existia em todas as outras culturas que cercavam os hebreus.

### **Visão do zoroastrismo sobre a morte**

No mundo persa ocorre uma nova visão de mundo inferior e vida pós-morte. Começa a existir a separação ente os justos e os iníquos. Havendo uma preponderância de valores éticos, conforme as noções zoroastrianas, o indivíduo teria como recompensa sua chegada ao céu. Contudo, se sua vida na terra fosse cercada de fatos que contradissem os padrões éticos, seu destino era o mundo subterrâneo, que era o local de punição, onde as almas dos condenados eram torturadas. No céu haveria a ressurreição universal da carne.

A visão do zoroastrismo sobre morte era muito interessante. O autor do Apocalipse parece ter desenvolvido este tema quando descreve o lago de fogo, uma vez que cada indivíduo deveria atravessar uma ponte sobre o abismo e quem atravessasse a ponte alcançaria o céu. Este abismo era composto por um enorme rio de metal derretido. Para os devotos seria como andar por leite quente, posto que não tinham consciência do que havia realmente debaixo de seus pés e apenas os perversos saberiam que estarão atravessando sobre o metal derretido.

### **Judaísmo do Segundo Templo (515 a.C. – 70 E.C)**

No Judaísmo do segundo Templo algumas imagens começam a aparecer e apresentam uma idéia primeva de ressurreição. Uma possível passagem que encontramos no livro de Ezequiel que poderia denotar a visão de ressurreição do mortos é a do vale dos ossos secos (Ez 37.1-10). Entretanto, segundo o entendimento de Alan F. Segal, tal texto não promete a ressurreição dos mortos; antes se trata de uma promessa, em forma de metáfora, da regeneração nacional em termos políticos e religiosos da nação israelita.

Dessa forma, seria uma visão profética e seu significado simbólico seria para o presente, enquanto a profecia literal, para o final dos tempos.

O que podemos encontrar neste período do judaísmo é uma forte ênfase na idéia da ressurreição, em livros próximos ao cenário da Guerra dos Macabeus (o que poderia reforçar a idéia do martírio nacionalista), especialmente em Daniel 12, que parece combinar os textos de Ezequiel 37 e Isaías 24-27,66 para transformá-los num novo relato onde os justos e os injustos serão trazidos à vida para um julgamento e haveria a recompensa para aqueles que praticaram a justiça.

### **Descrição do Hades no período Grego**

Na Grécia Antiga cria-se que os mortos precisavam de funerais adequados para tomar residência eterna no Hades. Pequenas moedas eram colocadas na boca dos cadáveres para cobrir os custos da travessia de um rio que consideravam entrada para o mundo dos mortos. Os gregos também ofereciam comida e bebida aos mortos, como uma das práticas de veneração, como forma de mantê-los no Hades.

No período homérico a explicação dominante para o lugar dos mortos já era o de um reino escuro e subterrâneo de um deus chamado Hades. Mais tarde o quadro se aperfeiçoa, tornando-se mais detalhado, e passa a mostrar os mortos migrando, tendo Hermes como guia, numa jornada na qual encontra Cerberus, o cão de três cabeças e pagam suas moedas ao barqueiro Caronte para cruzar o rio Styx.

### **Conclusão**

A aproximação ao texto bíblico possibilitou a verificação de uma situação social, na qual existe um escritor que dirige uma mensagem a algumas comunidades da Ásia Menor. Tal mensagem é possuidora de vários simbolismos, imagens e signos que somente os adeptos do cristianismo primitivo helênico seriam capazes de reconhecer. A reconstrução de um fato histórico esbarra-se num emaranhado de situações, algumas conhecidas pelo pesquisador e outras que são apresentadas no decorrer da pesquisa, mas que, no entanto, não impossibilitam o desenvolvimento da mesma.

A maneira pela qual João consegue desenvolver sua autoridade é, portanto, através de sua revelação e identificação da situação pela qual passam seus patrícios. Contudo, somente estes dois fatores não possibilitariam a sobrevivência de tais comunidades em solo romano e é neste sentido que a *memória autorizada* possui sua função determinante de doutrinação. A reportagem dos símbolos do Judaísmo do Segundo Templo, juntamente com a figura messiânica, foi o meio pelo qual João conseguiu incentivar seus companheiros a permanecerem fiéis ante às investidas tanto materiais por parte das pessoas que entendiam que eles não praticavam a religião do estado, quanto daqueles que por outros motivos, ideológicos ou culturais, não aceitavam o comportamento dos fiéis da comunidade.

Desta forma, João obtém seu êxito apresentando o salvador cósmico a quem denomina “um como o Filho do Homem”, mas que, para seus leitores, significava o Cristo Ressurreto dentre os mortos que um dia viria julgar o mundo e que estava no meio das igrejas, conforme pode ser visto na descrição do capítulo 1, quando afirma que as estrelas (igrejas) estavam em suas mãos. A comunidade não necessitaria manter aquele medo da sociedade, tampouco depender exclusivamente dos favores do Imperador para garantir sua sobrevivência, pois agora lhe era apresentado um salvador único que a protegeria para sempre, possuindo até mesmo as chaves do “inferno e do Hades”.

### **Algumas direções**

1. No período do Primeiro Templo as visões israelitas pós-morte eram pessimistas, tudo muda quando os judeus do Segundo Templo entram em contato com a Pérsia e a Grécia. É provável que a Pérsia tenha influenciado a imaginação de uma vida benéfica depois da morte, já que nesta época em que Daniel foi escrito, o zoroastrismo era virtualmente a religião nacional da elite persa governante, e suas crenças de ressurreição e um bem-aventurado pós-morte certamente estimularam e encorajaram noções similares nos judeus. No tocante aos gregos, destes a cultura israelita adotou as noções de imortalidade da alma. Desse modo, as duas diferentes visões de vida após a morte na sociedade judaica do Segundo Templo – ressurreição do corpo e imortalidade da alma – começaram a ser

fundidas nos últimos séculos antes de Cristo e nos primeiros da Era Comum.

2. Diante do exposto podemos dizer que João utilizou-se de toda tradição judaica do Primeiro e Segundo Templos para dialogar com seus “companheiros na tribulação” e apresentar uma figura de salvador cósmico, projetando no Filho do Homem as suas esperanças. Após a apresentação da imagem, João dirá que este Filho do Homem possui as chaves do inferno e do Hades, informando aos seus companheiros que o tão esperado Cristo Ressurreto estava no meio deles e que havia vencido todos os seus inimigos, até mesmo a morte.

## **Bibliografia**

AUNE, David E. *World Biblical Commentary*. Vol. 52. Revelation 1-5. Dallas: Word Books, s.d.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. Edição em língua portuguesa. São Paulo: Loyola, 1995.

CHARLESWORTH, James. *Jesus dentro do Judaísmo: Novas Revelações a Partir de Estimulantes Descobertas Arqueológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

COHN, Norman. *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá: as Origens das Crenças no Apocalipse*. Lisboa: Presença, 1981.

COLLINS, Adela Yarbro. *Cosmology and Eschatology in Jewish and Christian Apocalypticism*. Leiden: E. J. Brill, 1996.

COLLINS, John Joseph. *The Apocalyptic Imagination: An Introduction to the Jewish Matrix of Christianity*. New York: Crossroads Publishing Company, 1989.

COLPE, C. “ho huio tou antropo” (análise do termo). In: *TDNT, WM.B.* 8 ed. Michigan: Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, pp. 400-477.

DUÈ, Andréa. *Atlas Histórico do Cristianismo*. Texto de Juan Maria Laboa. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Editora Santuário, 1999.

FROMM, Erich. *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1983.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. “A Transmissão Religiosa na Modernidade: Elementos para a Construção de um Objeto de Estudo”. In: *Estudos de Religião*, Ano XV, n. 18, 2000.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Petrópolis: Vozes. 1983. pp. 1-163.

MIRANDA, Valtair. “Apocalipse de João e Clemente Romano como Fontes para uma Discussão do Contexto Histórico-Social das Comunidades Cristãs do Final do Primeiro Século”. In: Revista Oracula - Número 1 - 2005/1 ([www.oracula.com.br](http://www.oracula.com.br)).

NOGUEIRA, Paulo A. S., *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

ROWLAND, Christopher. *Christian Origins: an Account of the Setting and Character of the Most Important Messianic Sect of Judaism*. 2 ed. London: SPCK, 2002.

ROWLAND, Christopher. *Revelation*. London: Epworth, 1993.

ROWLAND, Christopher. *The Open Heavens: a Study of Apocalyptic in Judaism and Early Christianity*. New York: Crossroad, 1982.

SEGAL, A. F. “Life after Death: the Social Sources”. In: DAVIS, S.T, KENDALL, D., O'COLLINS, G. (eds.) *The Resurrection: an Interdisciplinary Symposium on the Resurrection of Jesus*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

SEGAL, A. F. *Life after Death: A History of the Afterlife in the Religions of the West*. New York: Doubleday, 2004.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da Religião: Enfoques Teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 248-270.

THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinoldal, 1989.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol. 1. 3 ed. Editora Universidade de Brasília. 1994.